

carta da prisão<sup>1</sup>

emma goldman

O que estou fazendo? Constató a miséria humana. Não há miséria tão apavorante quanto a miséria do encarceramento. É uma situação de tanta impotência, de tanta humilhação.

Sim, eu penso que as prisioneiras me amam, ao menos aquelas que foram jogadas atrás das grades junto comigo. É tão fácil conquistar o amor delas. A mais ínfima demonstração de afeto as comove — elas são tão gratas. Mas o que podemos fazer por elas?

Lembram-se daquela passagem de *Justice*, de Galsworthy, em que alguém diz a Falder: “Ninguém deseja te prejudicar”?<sup>2</sup> É aí que reside o *pathos*. Ninguém deseja mal a essas vítimas sociais. O carcereiro e a carcereira são excepcionalmente gentis. Já os danos, os irreparáveis danos, estão feitos pelo simples fato de que seres humanos são trancados, têm suas identidades roubadas, assim como seu autorrespeito e sua individualidade.

Ah, não me sinto mal por ter sido sentenciada. Na realidade, sinto-me satisfeita. Precisava disso para chegar perto de párias que vivem esse horror. Seria bom se todo rebelde fosse enviado à prisão por um período; isso faria

aflorescer sua chama de ódio contra tudo o que faz com que as prisões sejam possíveis. Estou realmente realizada.

Somos despertadas às seis e destrancadas às sete da manhã. Tomamos café da manhã, que até o momento nada mais foi do que aveia com o que pretende parecer leite. O café ou o chá eu não consegui engolir. Às sete e meia somos levadas para o pátio. Ando para cima e para baixo como uma possessa, para fazer exercícios. Às oito e meia estamos de volta, e as mulheres se mantêm ocupadas rabiscando; mas minhas garotas não me deixam fazê-lo; preciso conversar com elas. (O carcereiro, de qualquer modo, está lendo meu livro *Anarquismo*, e a carcereira, *O Significado Social do Teatro Moderno*.) Na realidade, sinto-me mais dedicada aqui do que lá fora. Às onze jantamos, e às quatro da tarde tomamos uma ceia — que descrevo a vocês quando sair. Então, somos trancadas até as sete da manhã — quinze horas, o mais difícil de aguentar. Lembrem-se da frase de *The Ballad of Reading Gaol*: “cada dia um ano cujos dias envelhecem”<sup>3</sup>? Para mim é: “cada noite um ano cujas noites são mais longas.” Eu sempre amei a noite, mas noites aprisionadas são medonhas.

## Notas

<sup>1</sup> Carta enviada por Emma Goldman da Queen’s County Jail, estado de Nova York, em abril de 1916.

<sup>2</sup> John Galsworthy (1867-1933) é um romancista e dramaturgo britânico, escritor de *Justice* (1910), sobre os horrores de viver na prisão, e um fomentador do interesse público acerca da reforma prisional. A frase citada por Emma Goldman está no ato IV.

<sup>3</sup> A citação literal é: “And that each day is like a year/A year whose days are long”, do livro *The Ballad of Reading Gaol*, de Oscar Wilde, publicado em 1898.